

DA ONTOLOGIA ANALÍTICA AO MATERIALISMO GEOGRÁFICO E DIALÉTICO

(Uma Aproximação à Teoria do Conhecimento em Geografia)

Armando Corrêa da Silva

A explicitação intelectual do movimento da razão científica, a nível do trabalho teórico, é sua estrutura e funcionamento.

O entendimento categorial e relacional, no processo de construção da abordagem filosófica do real, propõe a demonstração teórica como núcleo revelador da praxis intelectual.

A demonstração da teoria, um modo teórico-prático específico da produção e reprodução das idéias, organiza-se como proposição e argumento, indicadores da ontologia, como evidência da teoria em si, resultado do momento anterior praxeológico.

Posta uma determinada praxis, que se movimenta como ontologia analítica, decorre uma epistemologia, que é o fazer-se fenômeno da praxis. Mostra-se então a elaboração da teoria.

Os pressupostos são as relações complexas gnoseologia-epistemologia, teoria do conhecimento-epistemologia, lógica-epistemologia e metodologia-epistemologia, relações essas que possuem uma imanência crítica, que vai reverter à praxis, renovando-a.

Trata-se, a seguir, apenas da relação Teoria do Conhecimento-Epistemologia: no caso, a estrutura e funcionamento do conhecer.

O entendimento categorial e relacional, no processo de construção da abordagem filosófica do real, propõe, inicialmente, a questão de conteúdo, que remete à forma, supondo-se a existência de um conteúdo real, um conteúdo aparente, uma forma real e uma forma aparente. O primeiro, explicita-se como significado e, a segunda, como significante. Esse conjunto de relações simples relaciona-se com o erro-verdade de modo reversível.

Em teoria do conhecimento, portanto, a praxis é o momento revelador do conteúdo-forma. Explicita-se, então, como linguagem: conhecimento científico e senso comum. Sua conotação técnica filosófica é a relação sujeito-objeto, expressa, como, respectivamente, representações mentais e verificação empírica. A primeira, remete às idéias, a segunda, ao comportamento, colocando-se primeiro o problema da teoria e, em segundo lugar, o da prática. O conjunto, que é o núcleo da teoria do conhecimento, remete ao erro, como conhecimento da aparência das determinações e à verdade, como o conhecimento da essência das determinações; ou, remete ao erro, como transformação inadequada do real, e à verdade, como transformação adequada do real.

Conteúdo e forma, determinações da praxis do conhecer, como relação sujeito-objeto - que discute erro-verdade - mostram-se, então, como verdade lógica e verdade empírica. A primeira, o conhecimento da essência da determinação, corresponde à solução do problema; a segunda, a transformação adequada do real, corresponde à satisfação da necessidade. (Supõe-se que solução do problema relaciona-se com a satisfação de necessidade). Ambas são reversíveis aos conjuntos erro e verdade, respectivamente, teóricos e práticos.

Assim postos pela ontologia analítica o movimento da razão científica e a estrutura e funcionamento do conhecer, expõe-se o problema de sua efetivação particular em Geografia.

A sobredeterminação da estrutura e funcionamento do conhecer é possível como dialética do espaço e materialismo geográfico.

A dialética do espaço implica na consideração das categorias absoluto, relativo e relacional, como entes conceituais que são determinados por sua singularidade, particularidade e universalidade. Por isso, o espaço relativo, que contém o absoluto e o relacional, é um particular, que contém o singular e o universal.

O materialismo dialético importa em considerar as categorias espaço, lugar, área, região, território, que assumem sua particularidade relativa como relações espaciais, relações que se expressam como distância e duração.

O objeto do conhecimento em Geografia é, então, como ponto de partida da exposição, o lugar, o menor espaço possível, que se singulariza como área, região, território. O lugar contém o tempo, a matéria, o movimento e relaciona-se aos outros lugares. O lugar, por isso, é a particularidade, como um complexo de relações de localização determinadas.

Tomemos em consideração a proposição de Marx segundo a qual o movimento do capital realiza-se como produção, circulação, troca e consumo.

Das considerações anteriores decorre que o capital nacional realiza-se como produção e circulação e o capital internacional, como troca e consumo, nas condições do país periférico, colonial e dependente (complementar).

Assim, o capital é a determinação e o Estado o agente mediador.

Mas, como se põe o sujeito geográfico na estrutura e funcionamento do conhecer?

Primeira hipótese: o sujeito é o homem que, através do trabalho, cria valor no espaço.

Segunda hipótese: o sujeito é a sociedade que, através do tra

balho, cria o valor do espaço.

No exemplo, o capital nacional cria o valor do espaço. O capital internacional cria o valor no espaço.

O modo periférico e dependente (complementar) do capitalismo vive essa contradição como uma passagem da quantidade à qualidade e como uma oposição de contrários. A negação não ocorre apenas como uma troca de sinais e símbolos (linguagem), como uma estrutura sistêmica (epistemologia), ou como a consideração da aparência (fenomenologia).

A questão da teoria do conhecimento em Geografia é, então, uma questão aberta. O desenvolvimento de sua maior elaboração passa pela necessidade da resposta teórica aos problemas não resolvidos.

Isto remete à validade e verdade do pressuposto.

)0000000000000000(